



## 9º Simposio de Ensino de Graduação

# PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Autor(es)

---

PRISCILA TEIXEIRA RIBEIRO

Orientador(es)

---

NILCE MARIA A S DE A CAMPOS

## 1. Introdução

---

Para BERGER e LUCKMANN (1973), a internalização da realidade para a criança se dá através das relações sociais. Estas podem ser divididas em socialização primária e secundária.

A socialização primária diz respeito aos primeiros contatos sociais da criança e se dá com a presença dos outros significativos que lhe apresentam a realidade em que vivem e como a percebem. É também neste contato que a criança começa a significar os elementos culturais presentes na sociedade em que está inserida. Faz parte desse processo a família e as pessoas mais próximas à criança. Quando atinge a idade escolar, inicia-se o processo de socialização secundária, onde as pessoas envolvidas são os outros generalizados, que se apresentam principalmente na figura dos professores e dos colegas de escola.

No processo de socialização primária, não há escolha dos outros significativos. Nesta etapa estão presentes os pais, irmãos, avós, tios e todos aqueles que participam diretamente da vida da criança, que passa a identificar-se automaticamente com eles, internalizando a realidade particular das pessoas à sua volta passando a conhecer o mundo do outro como sendo o único mundo existente, por isso, o mundo internalizado pela criança na socialização primária torna-se muito mais enraizado em sua consciência do que os possíveis mundos conhecidos em sua socialização secundária. Assim, deve-se considerar a importância do cuidado que os outros significativos devem ter com ela, pois, estes serão os responsáveis pela maneira como a criança olhará para si mesma, para os outros e para o mundo.

Este processo de aprendizado e de internalização da realidade e da cultura se dá através da linguagem. É através dela que o indivíduo aprende a ser humano e a viver em sociedade. Segundo PALANGANA (1994), este aprendizado se dá desde o nascimento da criança, onde ela aprende a dar significado às coisas através da relação com o outro. É na troca com outros sujeitos que a criança internaliza e significa os elementos culturais. Trata-se de um processo que caminha do plano social - relações interpessoais - para o plano interno - intrapessoal.

Segundo BERGER E LUCKMANN (1973, p. 176),

Os outros significativos que estabelecem a mediação deste mundo para ele modificam o mundo no curso da mediação. Escolhem aspectos do mundo de acordo com sua própria localização na estrutura social e também em virtude de suas idiossincrasias individuais, cujo fundamento se encontra na biografia de cada um. O mundo social é filtrado para o indivíduo através desta dupla seletividade.

A personalidade da criança reflete as atitudes tomadas pelos outros significativos, pois a criança absorve as atitudes destes, interiorizando-as e tornando-as suas. A criança passa a identificar a si mesma e a adquirir uma identidade subjetiva a partir desta identificação com seus outros significativos. Passa a ver o mundo e a si mesma através do olhar do outro.

BERGER E LUCKMANN (1973, p. 178), afirmam que

Receber uma identidade implica na atribuição de um lugar específico no mundo [...] A apropriação subjetiva da identidade e a apropriação subjetiva do mundo social são apenas aspectos diferentes do mesmo processo de interiorização, mediatizado pelos mesmos outros significativos. A socialização primária cria na consciência da criança uma abstração progressiva dos papéis e atitudes dos outros particulares para os papéis e atitudes em geral.

Percebe-se então a importância dos outros significativos na construção do autoconceito da criança e na formação de seus juízos morais, uma vez que, após a criança interiorizar as atitudes do outro e o mundo apresentado por eles, generaliza tais idéias para toda a sociedade.

Neste processo de socialização primária a criança não apreende apenas os elementos culturais da sociedade em que vive, ela também começa a formar sua identidade, sua auto-imagem. Ela se vê da maneira como seus outros significativos a vêem.

Segundo REIS (1984, p. 99),

É na família, mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que aprendemos a perceber o mundo e a nos situarmos nele. É a formadora da nossa primeira identidade social. Ela é o primeiro nós a quem aprendemos a nos referir.

A família é o primeiro grupo social responsável pela estruturação da vida psíquica da criança.

REIS, (1984, p.104), referindo-se à família diz que:

[...] Ela é o lócus da estruturação da vida psíquica. É a maneira peculiar com que a família organiza a vida emocional de seus membros que lhe permite transformar a ideologia dominante em uma visão de mundo, em um código de condutas e de valores que serão assumidos mais tarde pelos indivíduos.

A socialização primária é a responsável pelo primeiro processo educacional da criança. É o grupo social onde a criança estabelece suas primeiras relações sociais.

Segundo BERGER E LUCKMANN (1973, p. 175),

A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade.

Quando a criança inicia o processo de socialização secundária, que corre normalmente no espaço escolar traz consigo um mundo que acredita ser único. Não o reconhece ou sequer imagina que este mundo pertence apenas a uma realidade pessoal de seus outros significativos (família). Ao descobrir tal realidade, a criança pode até passar por momentos de crise. Para ela, o mundo que conhece, é o mundo único e verdadeiro.

A interiorização dos mundos apresentados à criança na socialização secundária são mais vulneráveis, pois esta nova realidade não foi profundamente fixada na consciência da criança. Contudo, há de se considerar que do mesmo modo que a realidade da vida cotidiana é interiorizada por um processo social, também se mantém na consciência da criança por processos sociais. Assim, a maior parte das pessoas que em algum momento participam de suas relações sociais pode afirmar ou não sua realidade subjetiva.

Assim, a escola e os professores atuam como agentes sociais responsáveis pela reafirmação da realidade subjetiva da criança. Participam ativamente na estruturação e afirmação da identidade desta. Como afirmam BERGER E LUCKMANN (1973, p.202), O veículo mais importante da conservação da realidade é a conversa. Pode-se considerar a vida cotidiana do indivíduo em termos do funcionamento de um aparelho de conversa, que continuamente mantém, modifica e reconstrói sua realidade subjetiva.

Somos constituídos pela linguagem e pelas relações sociais. É através da linguagem que formamos e re-formamos conceitos sobre tudo o que está inserido na cultura. É através dela que conhecemos coisas e vemos e revemos nossas crenças e valores. BERGER E LUCKMANN (1973, p. 203) afirmam:

Ao mesmo tempo em que o aparelho de conversa mantém continuamente a realidade, também continuamente a modifica. Certos pontos são abandonados e outros acrescentados, enfraquecendo alguns setores daquilo que ainda é considerado como evidente e reforçando outros.

As normas e valores apresentados à criança são por ela internalizados, refletidos e reproduzidos em seu comportamento na sociedade. Quando a socialização primária e a secundária falham se dá início ao processo de ressocialização. Trata-se da reconstrução da realidade, que entra em ação quando as socializações, primária e secundária, deixam falhas.

FREITAG, (1979, p. 14), diz que

[...] são as normas e os valores desenvolvidos por certa sociedade (ou grupo social) em determinado momento histórico, que adquirem certa generalidade e com isso uma natureza própria, tornando-se assim coisas exteriores aos indivíduos. É no processo educacional que essas coisas, ao mesmo tempo que são impostas de fora do indivíduo, são por ele internalizadas e com isso reproduzidas e perpetuadas na sociedade.

## 2. Objetivos

---

Discutir a importância da família e dos professores como participantes dos processos de socialização da criança, bem como a contribuição de cada um para que a formação de seu autoconceito.

### 3. Desenvolvimento

---

O trabalho foi apresentado e discutido com os professores de uma Escola Estadual na cidade de Santa Bárbara d'Oeste durante o Planejamento Pedagógico no início do ano letivo de 2010 a pedido da coordenadora pedagógica, visando levantar questões sobre a importância do professor na vida de cada criança.

### 4. Resultado e Discussão

---

Muitas crianças trazem de casa a ideia de que são incapazes de realizar diversas tarefas que lhe são propostas na escola. É importante que o professor ajude o aluno a se descobrir capaz de realizar tais atividades. Esta descoberta, porém, se dá de diferentes maneiras em cada criança. O sentimento de incompetência faz com que vejam o aprendizado escolar como algo inútil para elas. Sobre esse sentimento, MARCHESI (2004, p. 134) defende que:

O sentimento de competência de uma pessoa está relacionado com o autoconceito, de tal modo que, quando as expectativas de eficácia do aluno são positivas, é altamente provável que se comprometa sem dificuldade na solução da tarefa proposta. Se o resultado é positivo, o aluno verá reforçado seu autoconceito e suas expectativas, o que levará a uma melhor disposição para a aprendizagem. Ao contrário, se suas expectativas são negativas ou se sua atividade anterior acabou em fracasso, é mais previsível que o autoconceito se deteriore e a auto-estima diminua.

Algumas crianças já carregam um histórico de fracasso escolar e uma auto-imagem negativa devido a seus insucessos acadêmicos, e assim, percebem-se com poucas possibilidades de êxito. Por isso é importante ajudá-los a entender que só há êxito quando há esforço. O êxito é um grande ponto motivacional para a criança.

PANIZZI (2010, p.11) afirma:

As relações estabelecidas na escola acabam por produzir no aluno este sentimento de duplo vínculo: de querer/não querer, de afeição/expulsão. Manifestam sentimentos de inferioridade, inadequação, incompetência e não pertencimento que se mesclam com sentimentos de poder e querer saber.

A sensação de ser capaz, autônomo e competente, faz com que o aluno abandone aos poucos seu quadro de desmotivação. Neste ponto, cabe ao professor mostrá-lo o quanto é possível obter êxito em suas atividades se estiver disposto a se esforçar nesta direção.

Os resultados obtidos pela criança em sua vida acadêmica também a afetam, mantendo ou modificando a visão que tem de si mesma. LEITE e TASSONI (2002, p. 9 e 10) defendem que:

[...] as interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos. Pode-se supor, também, que a afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (aluno) e os diversos objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas.

As histórias de sucesso e fracasso estão intimamente ligadas às relações sociais da criança desde seu nascimento. Quando é olhada e tratada como alguém em constante fracasso, esta criança tende a internalizar as informações recebidas, passando assim a se ver da maneira como o outro a vê.

MACHARGO, (1991, p. 33) diz:

O autoconceito, é construído e definido ao longo do desenvolvimento graças à influência das pessoas significativas do ambiente familiar, escolar e social, e como consequência das próprias experiências de sucesso e fracasso.

Ao ingressar na escola, antes de ser um aluno, a criança é um ser social, que carrega consigo as significações que internalizou em seu processo de socialização. É o conjunto das diversas intervenções de diferentes pessoas que participaram de sua vida em seus primeiros anos que constituem sua visão de mundo e de si mesmo. É importante que a escola esteja atenta ao fato de que a criança é um ser social, que carrega consigo o conjunto de suas relações sociais.

SIRINO e CUNHA (2002, p.10) ensinam que:

Mais do que um aluno, a criança que está na escola é um ser social, determinado por relações sociais e históricas que marcam as suas vivências dentro e fora do universo escolar, condição que a escola, na maioria das vezes, ignora.

### 5. Considerações Finais

---

Diante da realidade educacional que nos é apresentada com tantos casos de fracasso escolar, cabe um questionamento sobre como os profissionais da educação podem trabalhar para que as crianças melhorem seu desempenho acadêmico.

Em muitos casos é preciso apenas que cada criança sintam-se capazes de realizar algo especial. Essa motivação muitas vezes não vem de casa, ao contrário, falta-lhes o “olhar” do outro. Neste cenário cabe considerar a importância do professor para a construção do autoconceito da criança.

Muitos projetos sociais de que temos conhecimento buscam desempenhar o papel de agentes motivadores. Modificam o “curso” da vida dessas crianças fazendo com que se tornem pessoas de bem, e são muito bem sucedidos.

A partir do momento que se sente respeitada e reconhecida independente das dificuldades que apresente, a criança pode surpreender em seus resultados. O respeito recebido faz com que a palavra de quem lhe oferece tal respeito seja ouvida e possivelmente internalizada com sucesso. Assim, será possível oferecer à criança aquilo que muitas vezes lhe falta: respeito, confiança em si mesma, elementos para construir uma boa conduta moral e cidadania.

Espera-se que com isso, as crianças de hoje tornem-se adultos mais confiantes em sua capacidade, possibilitando assim o desenvolvimento de uma geração de sucesso, no sentido mais amplo que esta palavra pode significar.

## **Referências Bibliográficas**

---

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. A sociedade como realidade in A construção social da realidade tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, Editora Vozes, 1973.

COLL, MARCHESE, PALACIOS & COLS. Os alunos com pouca motivação para aprender in Desenvolvimento Psicológico e Educação Vol. 3. Porto Alegre, Editora Artmed, 2004.

FREITAG, Bárbara. Quadro teórico in Escola, Estado e Sociedade. São Paulo, Editora Cortez & Moraes, 1979.

LEITE, S. A., TASSONI, E.C.M. – A afetividade em sala de aula: as condições de Ensino e a mediação do professor in AZZI, Roberta Gurgel; SADALLA, Ana Maria

Falcão de Aragão (Org.). Psicologia e formação docente: desafios e conversa. Casa do Psicólogo – São Paulo, 2002.

PALANGANA, I.C. Desenvolvimento & Aprendizagem em Piaget e Vygotsky (A Relevância do Social). São Paulo, Plexus, 1994.

PANIZZI, Conceição Aparecida Fernandes Lima – A Relação Afetividade-Aprendizagem no cotidiano da sala de aula: enfocando situações de conflito. Espaço Psicopedagógico 29/01/10.

REIS, José R.T. Família, Emoção e Ideologia in Psicologia Social o homem em movimento. Editora Brasiliense, 1984.

SIRINO, M. F., CUNHA, B. B. B. – Repensando o fracasso escolar: Reflexões a partir do discurso do aluno (in GT 13). 25ª Reunião Anual Caxambu. 29 de setembro a 02 de outubro de 2002.